
DOSSIÊ MIRA SCHENDEL

FORA DO ALCANCE DA LÍNGUA

VILÉM FLUSSER

Nas páginas que seguem, *Arte em São Paulo* reproduz um fragmento de um caderno de Mira Schendel. Os versos de cada folha foram mantidos em branco a fim de proporcionar ao leitor o resultado mais fiel possível.

Quem já tentou transformar em palavras (e sentenças) o vôo do pensamento provocado pela especulação filosófica que vivenciamos como vertigem espiritual (e sem a qual não há especulação filosófica), ressentiu a insuficiência da língua. Não deste ou outro idioma, mas linguagem no seu sentido mais amplo (inclusive considerando todos os idiomas já desenvolvidos, e não somente os "naturais"). Talvez seja este um dos motivos pelos quais a filosofia no sentido verdadeiro afinal leva ao silêncio desesperado — motivo também pelo qual pensadores mais radicais admitiram a necessidade de parar de falar e de escrever. Sempre foi assim (veja Tomás de Aquino), mas isso está agora mais acentuado, porque afinal há progresso no pensamento filosófico. Parece que não é apenas este ou aquele filósofo que chegou aos limites da linguagem, mas a filosofia em sua totalidade. Estamos avistando o fim da filosofia — a não ser que já o tenhamos alcançado. Parece que o que quer que a filosofia tenha a dizer, não poderá ser dito, e assim a própria filosofia reduz-se ao silêncio.

Naturalmente, isto não pode ser aceito sem que se procure uma saída do dilema. E, evidentemente, a saída é um caminho fora da língua, rumo a outros meios de comunicação. Fica explicado por que hoje tantos abandonam o método discursivo do filosofar, buscando a articulação do pensamento filosófico em outros meios como cinema, teatro, literatura para-poética. É possível, porém, duvidar do possível alcance deste esforço na tentativa de solucionar o problema. A dúvida baseia-se no fato de que os meios de substituição da linguagem nasceram para a comunicação de mensagens bem diferentes — diferentes em sua estrutura e implicação — não podendo ser modificados suficientemente a fim de transmitir uma mensagem filosófica. Sem dúvida, isto não é o fim da história. O homem não se renderá a limites impostos — mesmo em se tratando de limites da língua que, afinal, são seus próprios limites. Tentará derrubar tais limites, apesar de Wittgenstein, conquistando um terreno novo para a articulação e comunicação de seu pensamento filosófico — o único pensamento com verdadeira

significação.

Os cadernos de Mira Schendel são exatamente isto: desafio aos cadernos de Wittgenstein e um caminho para além do problema. Eles dizem aquilo sobre o qual não se pode falar, e dizem-nos em um método puramente filosófico: claramente e sem conotação "artística" não solicitada. São metodicamente filosóficos e têm uma denotação clara, inconfundível. Mas o que comunicam, apesar de bem compreensível para quem entrar em sua convenção (que "jogue o jogo"), não pode ser dito em palavras. Nada pode-se falar sobre estes cadernos, e qualquer palavra pronunciada erraria totalmente. Ou seja: estes cadernos devem ser lidos fora da linguagem, mas dentro de nossa tradição filosófica.

É bem possível que Mira tenha encontrado um caminho para sair da atual crise filosófica. Isto só pode ser comprovado assim que estes cadernos forem usados como textos didáticos em campos que tocam os problemas filosóficos que nos preocupam (sem falar de sua qualidade estética).

Tradução: Knut Schendel